PAULO EM ATENAS



CORNELIUS VAN TIL

Paulo em Atenas

Cornelius Van Til

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

Editora Monergismo
Caixa Postal 2416
Brasília, DF, Brasil ─ CEP 70.842-970

Sítio: www.editoramonergismo.com.br

1ª edição, 2016

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto e Fabrício Tavares de Moraes **Revisão:** Rogério Portella

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da versão *Almeida Revista e Atualizada* (ARA) salvo indicação em contrário.

Título original: *Paul at Athens*

Sumário

- Prefácio à edição brasileira
- Introdução
- Tudo é um
- O sobrenatural
- Autoridade
- A ressurreição
- Ignorância culposa
- Arrependimento e esperança
- A estrutura da referência
  - Cristianismo e razão
  - Teologia dialética
  - Teologia evangelical
- Sobre o autor

Prefácio à edição brasileira

O famoso discurso de Paulo no Areópago, registrado em Atos 17, é uma das passagens mais discutidas no estudo do método apologético.[1] Afinal, ali o apóstolo inspirado apresenta o que se apresenta como a forma correta de evangelizar incrédulos, principalmente pagãos. Obviamente escolas de apologética diferentes interpretam de forma diversa (e até mesmo oposta) o que Paulo estaria nos ensinando de modo informal nesse encontro entre Jerusalém e Atenas.[2]

O texto deste livreto consiste em uma breve exposição do episódio, sob a perspectiva pressuposicionalista, feita por Cornelius Van Ti. Em 1972 Van Til escreveu *Toward a Reformed Apologetics* [*Rumo à apologética reformada*], onde discorreu sobre tudo que havia escrito até então. A segunda publicação comentada ali é exatamente o panfleto *Paulo em Atenas*. Eis o que ele descreveu como objetivo ao escrever este pequeno texto:

> Podemos tomar o método de raciocínio de Paulo com os homens de Atenas como o modelo para nosso método de pregar Cristo ao mundo de hoje. Paulo instou que os atenienses reconhecessem que a) eram criaturas de Deus, e b) careciam da salvação advinda da morte e ressurreição de Cristo. A menos que se arrependessem, a ira de Deus lhes sobreviria com força total no fim. Dessa forma, Paulo apresentou aos gregos os pontos altos de uma filosofia da história que eles deveriam aceitar, se quisessem salvar a si mesmos e à sua cultura. A não aceitação implica morte. Deus tornou louca a sabedoria deste mundo.

Sem dúvida, esta não é palavra derradeira sobre o assunto, muito menos um comentário definitivo sobre Atos 17.[3] Contudo, é um texto com o qual, sob a tutoria de Van Til, podemos aprender um pouco mais sobre o método paulino "de pregar Cristo ao mundo de hoje".

Omnibus Coram Deo!

— Felipe Sabino de Araújo Neto
Julho de 2016

Introdução

Quando Paulo e Barnabé chegaram a Listra e realizaram o milagre da cura do homem incapaz de andar desde o nascimento, os habitantes queriam adorá-los como deuses. Eles chamaram Barnabé de Júpiter, e Paulo de Hermes, pois este era o principal orador. Então Paulo e Barnabé, "rasgando as suas vestes, saltaram para o meio da multidão, clamando: Senhores, por que fazeis isto? Nós também somos homens como vós, sujeitos aos mesmos sentimentos, e vos anunciamos o evangelho para que destas coisas vãs vos convertais ao Deus vivo, que fez o céu, a terra, o mar e tudo o que há neles; o qual, nas gerações passadas, permitiu que todos os povos andassem nos seus próprios caminhos; contudo, não se deixou ficar sem testemunho de si mesmo, fazendo o bem, dando-vos do céu chuvas e estações frutíferas, enchendo o vosso coração de fartura e de alegria. Dizendo isto, foi ainda com dificuldade que impediram as multidões de lhes oferecerem sacrifícios. Sobrevieram, porém, judeus de Antioquia e Icônio e, instigando as multidões e apedrejando a Paulo, arrastaram-no para fora da cidade, dando-o por morto" (At 14.14-19).

Temos aqui um verdadeiro contraste entre ser adorado como um deus, e, na sequência, ser apedrejado até ser dado como morto. O que você preferiria? Paulo preferiria ser apedrejado até a morte, se necessário. Ele estava disposto, no mínimo, a seguir o caminho necessário, em vez de ser adorado como deus.

Paulo conhecia apenas duas classes de pessoas: os que adoram o Criador e lhe servem e os que adoram a criatura e servem mais a ela que ao Criador. Houve um tempo em que ele adorou a criatura e a serviu; todavia, no caminho para Damasco, aprendeu a adorar o Criador e servir-lhe. Nisso residia sua conversão. Fazer com que os homens adorem o Criador e sirvam a ele em lugar da criatura — nisso residia sua missão pós-conversão. Ele conheceu o ódio dos que adoravam a criatura e serviam a ela contra os que adoravam o Criador e serviam a ele. Esse ódio o impeliu a ir a Damasco encontrar e prender quem pertencia ao "Caminho", os servos do Criador. Ele estava preparado agora para ser vítima, caso necessário, em vez de perseguidor. É preciso, a todo custo, demonstrar aos homens a tolice de adorar a criatura;

a questão entre os dois tipos de adoradores não deve ser confundida.

Em certo sentido, a história da pregação de Paulo em Listra pode ser considerada típica de todo o seu método e de sua atitude quando pregava o evangelho aos adoradores da criatura. Ele se deparava com eles aonde quer que fosse: sinagogas, mercado, templos, entre religiosos e irreligiosos, instruídos e não instruídos, epicureus e estoicos, bem como entre os homens nas ruas: naturalistas e sobrenaturalistas igualmente.

Paulo apelava ao coração do homem natural, independente da máscara por este usada, exigindo que se arrependesse da futilidade da adoração da criatura em prol da riqueza da adoração do "Deus vivo". O Deus vivo havia aparecido a ele na estrada para Damasco. Ele lhe apareceu como a segunda pessoa da Trindade, por meio de quem o mundo foi criado e ainda era sustentado. Ele, o Deus vivo, apareceu a Paulo como quem veio ao mundo para morrer pelos pecados dos homens, por causa da adoração que eles prestavam à criatura, e não ao Criador. Ele aprendeu que ninguém era capaz de adorar o Criador e lhe servir a menos que adorasse

esse Jesus Cristo como Senhor e servisse a ele. Esse Jesus era Deus. Ele era o Criador e o grande benfeitor ao conceder aos homens o perdão do pecado de terem adorado a criatura. Assim, Paulo estava determinado a não tornar conhecido nada entre os homens a não ser Jesus Cristo, e este crucificado. E esse Jesus Cristo crucificado foi ressuscitado dentre os mortos pelo poder de Deus, o Criador. Sendo Deus, Jesus detinha poder para entregar sua vida e também para retomá-la. Na ressurreição, por meio do poder do Criador, ele apresentou diante dos homens a evidência mais clara possível de que quem continuasse servindo à criatura e a adorando seria, por fim, condenado pelo Criador que se tornara seu Juiz (At 17.31). Os homens hão de negar e desafiar a obra do Filho de Deus em sua morte e ressurreição? Caso a resposta seja sim, eles se depararão com ele como seu Juiz. Recusar-se-ão a se arrepender de seu pecado de adoração da criatura quando forem convocados ao arrependimento? Saibam então que seu juízo e sua condenação se aproximam tão certo como sua consciência os condena quando servem à criatura. Ninguém pode ser confrontado com a realidade de

Cristo e sua ressurreição e não ter a própria consciência afirmando estar face a face com seu Juiz.

Tendo meditado em tudo isso no longo período de sua preparação para a obra apostólica, o apóstolo Paulo estava plenamente determinado a nunca ter sua mensagem entrelaçada de modo sutil com as dos adoradores e servos das criaturas. Ele preferia ser apedrejado, não bajulado. Ele rasgaria suas vestes e diria aos homens para que não confundissem sua mensagem com a dos sacerdotes de Júpiter, com o *Ser Supremo* de Platão, ou o "*pensamento que pensa em si próprio*" de Aristóteles.

Mas em que momento Paulo se referiu ao deus de Platão ou ao deus de Aristóteles? Não era ele, até onde sabemos, mais favorável ao "monoteísmo" dos gregos que ao politeísmo das religiões populares? De qualquer forma, ele não estava mais disposto e favorável ao "monoteísmo" dos estoicos encontrado em Atenas? Não havia uma brandura no discurso de Paulo? Ele não parecia rasgar, mesmo que no seu interior, suas roupas ao pedir que os homens não fizessem essas coisas. Sua

mensagem no Areópago não foi mais branda que a proferida às pessoas comuns no mercado? Ou ele se encontrava temeroso das autoridades que poderiam proibir sua pregação ou mesmo lançá-lo na prisão?

A resposta é que a atitude de Paulo a respeito dos adoradores da criatura foi, em Atenas, a mesma de Listra. Além disso, para ele, o "monoteísmo" dos filósofos gregos, mesmo dos estoicos, ainda significava adorar mais a criatura que o Criador.

Paulo viu as muitas futilidades de Atenas, a cidade dos filósofos. Ele ficou perturbado em seu espírito porque a cidade estava totalmente entregue à idolatria. E quando lhe foi solicitado falar diante da *intelligentsia* da cidade, ele não disse que vira como o povo comum da cidade era um tanto religioso ou supersticioso — o povo que jamais ouvira falar do Pórtico, ou da Academia, e nada sabia sobre o "princípio racional" que, de acordo com os estoicos, permeava todo o mundo. Ele sabia que todos os homens são, em razão de terem sido criados por Deus, bastante religiosos, e que todos os homens são, por causa do pecado, muito supersticiosos. Paulo sabia que isso ocorria entre instruídos e iletrados. Ele sabia que mesmo os epicureus, que

professavam a descrença em quaisquer deuses e provavelmente rejeitavam a ideia de erigir um altar a algum deus — ao deus supostamente conhecido ou reconhecidamente desconhecido —, não obstante, poderiam ser representados[4] por esse altar ao deus desconhecido.

De modo independente da razão de Paulo destacar o altar ao Deus desconhecido (e não os altares dos deuses conhecidos) como evidência da religiosidade desses homens, com certeza ele não o fez por se apegar ao sistema de pensamento que alguns deles professassem.

Em particular, do ponto de vista de Paulo, seria tão impossível se apegar à doutrina do deus desconhecido quanto à doutrina dos deuses por eles conhecidos. E isso pelo fato de a doutrina do *deus desconhecido* também estar envolvida nas doutrinas dos *deuses conhecidos*.

Tudo é um

A essência do pensamento grego era a suposição de que todos os entes são, no fundo, um único ser; toda mudança procede de alguma forma de emanação desse ser único e é, portanto, derradeira como o Uno; e que de alguma forma toda a multiplicidade *derradeira* existe devido à mudança *derradeira* de novo retornar, de forma *derradeira*, ao Um. Portanto, todos eles eram monistas; falavam do todo da realidade sem distinguir o Criador da criatura. Tudo é água, tudo é ar, tudo é mudança ou nada muda. Toda verdade a respeito do mundo era, para eles, também verdade para o deus ou deuses além do mundo. No entanto, eles também eram, ao mesmo tempo, pluralistas em sentido derradeiro. Na medida em que consentiam com qualquer mudança, essa mudança era derradeira. Se houvesse alguma liberdade, essa liberdade era do mesmo tipo para deuses e homens; se houvesse acaso, deuses e homens estavam igualmente sujeitos a ele.

Em seu modo de pensar, portanto, não havia lugar para o sobrenatural — no sentido do termo para Paulo. A maneira de pensar deles era

exclusivamente imanentista; seguindo Adão e Eva, eles buscavam agir sem Deus; em seu sistema de pensamento, não havia lugar para Deus, o Criador. Eles estavam seguros de que o Deus pregado por Paulo não existia, nem poderia existir. Como consequência, também estavam certos de que Paulo não poderia "anunciar" esse Deus a eles. Ninguém poderia conhecer um Deus como o crido por Paulo.

Mas o apóstolo sabia que, pelo contrário, todos os homens no fundo conhecem a Deus, o Criador. Todos os homens se reconhecem criaturas de Deus, violadores da lei. No fundo sabem que seus sistemas, de acordo com os quais Deus não pode existir, são racionalizações para buscar suprimir o fato de sua responsabilidade como criaturas de Deus. Os próprios sistemas, portanto, não podem satisfazê-los. Todavia, como pecadores, eles não poderão abandonar esses sistemas. Os sistemas são como máscaras que precisam colocar na face não só para a "noite de apresentação", mas que colocaram de modo a nunca mais serem capazes de removê-las. Assim, eles tentam polir e remodelar essas máscaras de forma consecutiva; havia ajustes de vários tipos. E o estilo particular de máscaras em

uso no tempo em que Paulo chegou a Atenas, pelo que pudemos apreender com os historiadores seculares da filosofia, era uma bela mistura de todas as escolas filosóficas anteriores. Na mistura havia uma generosa tolerância para o que se considerava "o divino" e "o sobrenatural". Os homens eram muito religiosos. Existiam os epicureus, sem dúvida, mas eles eram considerados extremistas. Mesmo entre os instruídos era de bom tom reconhecer que havia mais coisas no céu e na terra do que eles sonhavam em sua filosofia. Criam no "universo misterioso"; portanto, estavam dispostos a abrir um lugar para "o desconhecido". Mas esse "desconhecido" deve ser considerado extremamente incognoscível e indeterminado.

O SOBRENATURAL

Segundo os gregos havia dois conceitos a respeito do "sobrenatural", um deles era reconhecido de bom grado, de acordo com o costume e o estilo do tempo; o outro conceito, por sua vez, não era reconhecido nem poderia sê-lo. Eles se alegravam em reconhecer o fato que o universo é misterioso, que a "ciência" não cobre toda a realidade. Estavam até mesmo dispostos a reconhecer que isso é tão misterioso que ninguém pode saber seu significado. Chegaram à conclusão de que o homem, sendo finito, não pode conhecer o universo infinito (incluindo o próprio homem). O infinito, concluíram, era "totalmente diferente" de qualquer coisa até então conhecida. O infinito não possuía qualidade. Se não fosse destituído de qualidade, não seria infinito. A ideia do infinito como *ápeiron* — totalmente privado de qualidade —, consistiu na concomitância necessária da ideia do universo conhecido pelo homem em termos humanos.

AUTORIDADE

Portanto, havia também dois tipos de autoridade: um reconhecido com alegria e um que não poderiam se relacionar nem o fariam, com base em seu sistema. Eles reconheciam com alegria a autoridade dos especialistas, em qualquer campo, que haviam participado de experiências especiais e feito pesquisas especiais em uma região ou outra; eles ouviriam Paulo de bom grado falar também sobre religião, como se alegrariam em ouvir Einstein dissertar sobre a relatividade. Se quisesse falar com eles sobre alguma experiência com o "reino noumenal", ou se desejasse lhes contar de algum *Einfühlung*[5] [empatia] pelo *Das Heilige*[6] [o Sagrado], eles estavam perfeitamente dispostos a ouvir; de todo modo, eles se sentiam enfadados e não tinham esperança que nada realmente novo surgisse. Mas eles não ouviriam Paulo caso ele se aproximasse com autoridade absoluta e alegasse falar sobre o que sabiam ser inerentemente incognoscível. Quem ele pensava ser? Acaso não era um ser humano como eles mesmos? Não estava sujeito às mesmas limitações?

A RESSURREIÇÃO

Eles estavam um pouco receosos, digamos, por causa do que ouviram Paulo dizer, no mercado (a ágora), sobre Jesus e a ressurreição. *Contudo, não se tratava de um pregador avivalista comum; vamos, portanto, ouvi-lo. Vamos levá-lo para longe da ralé e pedir para que nos esclareça o que quer dizer com Jesus e ressurreição. Quem sabe se a ressurreição existe. Afinal, Aristóteles nos falou sobre monstruosidades, não foi*? *Aparentemente há uma medida de acaso na realidade. E se há acasos em algum lugar, a história é o reino em que assomam. Assim, pode ser que esse homem tenha algumas coisas estranhas para nos contar. Temos um auditório no qual há algum espaço vazio.*

No entanto, Paulo fala a eles sobre Jesus e a ressurreição de uma forma que não esperavam. Ele estava determinado a não saber nada salvo Jesus Cristo e este crucificado. O apóstolo queria falar-lhes acerca do Deus vivo, o Criador e governante do universo e da humanidade. Ele queria que fossem convertidos do culto ao homem para o culto a Deus; queria que se tornassem cumpridores do pacto, não

violadores. Assim, Paulo fez o equivalente ao que fizera na presença dos homens em Listra. Mais uma vez rasgou as vestes, mas agora em sentido figurado. Novamente disse com efeito: “Senhores, por que fazem isto? Por que buscam tecer a ressurreição de Jesus Cristo no padrão de sua forma de pensamento imanentista? Vim para lhes anunciar para que se voltem dessas vaidades em direção ao Deus vivo. Vocês mesmos admitem que a realidade é misteriosa. Possuem muitos altares a deuses que imaginam conhecer e, então, têm um altar a um deus que dizem desconhecer. Podem me mostrar como tornam esse tipo de visão inteligível para si mesmos? Qual é a relação entre os deuses que dizem conhecer e o deus ou deuses que desconhecem? Não é a mesma realidade, o mesmo universo que dizem ao mesmo tempo ser totalmente incognoscível e também totalmente cognoscível? Se existir algo no universo que, em seu sistema, é totalmente incognoscível, e se isso que é totalmente incognoscível tem influência para o bem ou mal sobre o que dizem conhecer, então vocês conhecem algo de fato? Por que não destruir todos os altares aos deuses que, segundo afirmam, não podem ser

conhecidos? Sob sua base, é impossível saber algo a menos que saibam de tudo, e visto que admitem não saber tudo, deveriam admitir que toda a sua atividade religiosa é um procedimento irracional. E o que é verdade com relação à sua religião é verdade também com relação à sua ciência. Vocês não sabem o que é a água, a terra, o ar e o fogo. Apelam a um princípio comum acima de todos eles, do qual procedem como uma fonte comum. Mas, então, essa fonte comum, como Anaximandro disse, não possui qualquer qualidade positiva.[7] Ela deve ser desprovida de qualidade a fim de estar verdadeiramente além e, portanto, comum (a todos os outros elementos); e quando está verdadeiramente além e, portanto, sem qualidades, não pode servir como a explicação de qualquer coisa que possua qualidade no mundo que vocês alegam conhecer.

Sua adoração é, portanto, pura ignorância, uma ignorância bem mais profunda do que estão dispostos de admitir e são capazes, com base em seus pressupostos. Com base no seu sistema, não há conhecimento algum; não há nada, senão ignorância.

Ignorância culposa

Mas pior do que isso, a ignorância de vocês é mais profunda do que imaginam; é de um caráter totalmente diferente do que supõem. É *ética*, e não metafísica, no caráter. Vocês apresentam desculpas pela ignorância com base no fato de seres finitos e o mundo, infinito. E erigem um altar a um deus que descrevem como desconhecido. Bem, Deus, o verdadeiro Deus, não é, de forma alguma, desconhecido ao homem. Não é desconhecido de vocês. Nada mais é que falsa modéstia quando falam de se curvar com reverência perante o universo misterioso. Com certeza, o homem finito não pode conhecer todas as obras maravilhosas de Deus. Mas o homem pode saber, e de fato sabe, que Deus, seu Criador, existe. O homem pode saber, e de fato sabe, que Deus é o Deus vivo — não só o Criador originário, mas também o controlador e benfeitor generoso da humanidade. Ele não está longe de nenhum de nós, suas criaturas. Não nos fez ele cientes de nós mesmos somente na medida que estamos cônscios dele como nosso Deus e Juiz? Sua própria consciência responde "sim" ao que eu disse. Admitam que é só porque buscam esconder o

verdadeiro estado das coisas acerca de si mesmos que vocês erigiram esse altar ao deus desconhecido. Estão tentando convencer a si mesmos de que fizeram justiça às demandas de Deus por terem reconhecido apenas com vagueza que há algo que lhes é superior, que Deus é maior e melhor do que vocês. Mas quando reconhecem dessa forma a Deus como maior e melhor, ainda o trazem para o nível da criatura. Ainda adoram a criatura e servem a ela mais que ao Criador. O Deus que vocês adoram se encontra envolvido no cosmo e é, portanto, dependente de suas leis. Ele necessita de sua adoração; ele não é *soberano* sobre todos, mas *dependente* de todos. Que ignorância, que ignorância culposa, que ignorância inacreditável para os que se dizem filósofos e pretendem saber o que as pessoas não sabem!

Arrependimento e esperança

Mas há esperança; há esperança por meio do arrependimento. Estou aqui para lhes dizer do caminho de escape; não sou um filósofo. Não estou falando sobre monstruosidades e coisas inconcebíveis quando falo da ressurreição. Falo do Deus Criador que, em Jesus de Nazaré, veio à terra para morrer pelos pecados dos homens, e foi ressuscitado para a justificação deles. Por meio dele há perdão para os pecados de vocês, para homens de todas as classes, para homens comuns, para filósofos e sábios, também. Porém, para receber esse perdão, devem aceitar esta mensagem sob a autoridade do próprio Deus. Venho, pois, para lhes dizer o que, por meio do seu sistema, jamais conheceriam. Venho para lhes dizer que seus sistemas não são apenas inadequados no sentido de que não cobrem todas as questões que os homens devem indagar, mas são pecaminosos porque excluem Deus. A ira de Deus está sobre vocês, filósofos, sobre vocês, cientistas, sobre vocês, homens monoteístas bem como sobre vocês que são pluralistas, sobre vocês que reconhecem o sobrenatural assim quem não o reconhece, sobre

vocês que erigem o altar aos deuses desconhecidos e sobre vocês que levantam altares aos deuses conhecidos. Vocês me ouviram anunciar Jesus e a ressurreição no mercado (ágora). Neste momento, a seu pedido, apresento o contexto dessa pregação. E tal contexto é de importância absoluta. Ele fornece sentido para o fato da ressureição. Sem o contexto, a ressurreição seria uma monstruosidade que vocês poderiam entretecer no padrão de suas perspectivas imanentistas. Por favor, não interpretem, desse modo, a ressurreição. Eu lhes ensino uma filosofia da história na qual não há monstruosidades. O Jesus que morreu e ressurgiu dentre os mortos morreu para remover os pecados dos homens que nele creem e confiam. Naturalmente, os que não creem nem confiam nele serão, mais tarde, punidos. Pois ele é Deus, ele é o Criador e Controlador das leis do universo; é o Deus vivo para sempre. Surgirá de novo, de modo especial, para julgar, como veio uma vez, no passado, para redimir. Ele veio ao mundo para que pudessem ser salvos os que deveriam crer nele, e pudessem ser condenados os que não deveriam crer nele; portanto, ele virá novamente como prometeu aos apóstolos quando ascendeu ao

céu; virá, pela segunda vez como Juiz dos homens, a fim de julgá-los por meio da verdade que é ele próprio.

Portanto, vocês se arrependerão e se prostrarão agora? Beijem o Filho para que não se irrite com vocês no dia do juízo.

Nesse momento, os homens que ouviram Paulo sabiam que ele não pretendia dizer a mesma coisa que seus poetas quando afirmaram que os homens vivem, movem-se e existem em Deus, e que os homens são geração dele. Os estoicos, ao se valerem dessas expressões, queriam afirmar que os homens formavam em essência o todo com Deus: eles diziam que os seres humanos são, por virtude do intelecto, participantes na divindade. O intelecto humano, participante na divindade, não pode pecar. O intelecto do homem pode cometer erros porque é finito; todavia, não pode estar errado em seus propósitos.

Assim, Paulo lhes anuncia que se seus poetas disseram algo certo, pelo menos na medida respeitante às palavras; contudo, eles deveriam ter colocado, nessas palavras, um significado diferente. Caso tenham dito algo verdadeiro e correto, disseram-no apesar de os sistemas deles não serem corretos. Eles não poderiam dizer o que é correto de acordo com seus sistemas, mas só a *despeito* deles. Isso decorreu da estrutura do universo proclamada por Paulo, quando lhes anunciou o Deus conhecido na *consciência* deles, mas desconhecido segundo os *sistemas* por eles professados: o Criador e Governador do universo. Eles poderiam até afirmar a verdade acerca de partes do mundo ou do mundo todo. Mas isto eles poderiam dizer apenas *de forma acidental*. Dito de outro modo, estaria em conformidade com o que eles, bem no fundo de seu coração, sabiam ser verdade a despeito de seus sistemas. Era a verdade que eles buscavam encobrir mediante os sistemas que professavam, que lhes possibilitava, como filósofos e cientistas, descobrir a verdade. Apegar-se-ia Paulo, por um instante que

fosse, ao que os estoicos queriam dizer quando falavam do homem como geração de Deus? Não mais do que se apegaria ao que pretendiam os construtores do altar ao Deus desconhecido. Se ele se apegasse a um também se apegaria ao outro. Ambos estavam envolvidos entre si, e caso Paulo se apegasse a um, não poderia mais anunciar Jesus e a ressureição.

Jesus e a ressurreição pressupunham a doutrina da Criação. Jesus e a ressurreição implicavam na doutrina do juízo futuro. O Filho de Deus que criou o mundo, que morreu e ressurgiu dentre os mortos em sua natureza humana, que havia de vir como juiz dos homens ao fim da história do mundo. Não seria este Jesus nem esta ressurreição que Paulo estaria pregando caso o pregasse (Cristo) em conformidade com o sistema de origem ou destino sustentado por qualquer das formas da filosofia helenista da época. Como a ressurreição poderia ser pregada como evidência da vinda do juízo e, portanto, como evidência da condenação futura dos que não creram nem confiaram nele, se o universo é completamente uno e deuses e homens estão sujeitos às suas leis? Como

Paulo poderia comunicar aos gregos a ressurreição de Cristo se ele não pusesse a ressurreição diante deles na estrutura teísta de referência apresentada na Bíblia a fim de distingui-la das "monstruosidades" da filosofia grega?

Então, devemos concluir que, mesmo em Atenas, Paulo fez quase a mesma coisa que havia feito em Listra: desafiou a sabedoria do mundo. Ele o fez mais tarde na Primeira Carta aos Coríntios quando disse: "Onde está o sábio? Onde, o escriba? Onde, o inquiridor deste século? Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria do mundo? Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura da pregação" (1.20,21).

A igreja de Cristo procede assim hoje, e agimos dessa forma na atualidade? Estamos realmente desejosos de nada saber a não ser Jesus Cristo e este crucificado? Estamos de fato ansiosos para anunciar Jesus e a ressurreição e o Deus vivo aos homens? Queremos instar todos os homens, em todos os lugares, a que se arrependam e vejam, na ressurreição, a evidência de sua condenação eterna a

não ser que se arrependam?

Assim, sem dúvida, devemos fazer o que Paulo fez, rasgar nossas vestes quando os homens tecem nossas mensagens nos sistemas de pensamento idealizados por eles. Devemos situar a mensagem da cruz na estrutura em que Paulo a colocou. Se não o fizermos, então não estaremos anunciando de modo real e pleno Jesus e a ressurreição. Os fatos sobre Jesus e a ressurreição são o que são apenas na estrutura das doutrinas da criação, providência e consumação da história no juízo final. Ninguém é capaz de encontrar essa estrutura, a não ser que seja convertido de outra estrutura por meio do próprio fato da morte e ressurreição de Jesus ser aplicado a si mediante o Espírito Santo e seu poder regenerador. É necessário o fato da ressurreição para perceber a referência apropriada, e é necessária a referência para perceber o fato da ressurreição; ambos são aceitos sob a autoridade exclusiva das Escrituras e por meio da obra regeneradora do Espírito Santo. Portanto, medidas incompletas não são suficientes; o único método satisfatório é o que desafia a sabedoria do mundo por meio da sabedoria divina.

Voltemo-nos para alguns que afirmam crer ou trazer a mensagem cristã aos homens de hoje, mas que ainda desejam vincular a mensagem de Cristo e a ressurreição à estrutura geral da especulação filosófica em que não se encaixa.

Cristianismo e razão

O recente livreto intitulado *Christianity and Reason* [*Cristianismo e razão*][8] é similar a outro pequeno livro, de uns anos atrás, chamado *The Christian Answer* [*A resposta cristã*]. O objetivo dos dois livros é tornar o cristianismo aceitável a seus depreciadores culturais. Um deles, de acordo com o dr. Theodore M. Greene, é o professor Walter Stace que escreveu um artigo no *Atlantic Monthly* de setembro de 1948 com o título "Man Against Darkness" ["O homem contra as trevas"]. De acordo com Stace, está comprovado que o universo não possui sentido. A ciência demonstra que o homem não precisa mais construir nenhum altar para o deus desconhecido. Ele sabe que os deuses inexistem, pelo menos não existem deuses bons que recompensam o bem. Contra essa tese, Greene tenta provar que "a ciência, em seu sentido estrito, não pode provar nem desaprovar Deus, a bondade ou a beleza. Ela não tem nada a dizer sobre esses assuntos".[9] Se a suposição de Stace fosse verdadeira — toda experiência é de natureza sensorial —, então sua conclusão estaria correta.

“Mas o que nos impede de sermos realmente empíricos e de, ao mesmo tempo, crermos que as experiências morais e religiosas do homem — que não são menos coercitivas, vívidas, compartilháveis e racionalmente interpretáveis que suas experiências sensoriais — fornecem contatos adicionais com a realidade e indicações adicionais à sua natureza?”. [10] Greene argumenta sobre a possibilidade plena de alcançar a “dimensão moral e religiosa da realidade” por meio do método verdadeiramente científico. Ele considera possível advogar com inteligência que “o homem pode, em alguma medida, conhecer a Deus”.[11] E também justifica o conceito de autoridade na religião como totalmente apropriada ao assunto. Mas em tudo isso ele é muito cuidadoso em manter os pés no chão à medida que pensa. Concorda totalmente com Stace que a ciência não diz nada sobre Deus. E insiste com cuidado que qualquer coisa que o ministro religioso possa desejar dizer acerca de Deus e da religião deve concordar com o que a ciência já declarou a respeito do universo, ainda que a ciência não diga nada sobre Deus. “Portanto, a posição que defendo não é anticientífica; ela se compromete a confiar nas

evidências científicas e na plena incorporação de interpretações da natureza cientificamente provadas e aceitas".[12] Desse modo, portanto, o suposto defensor da religião se certifica de que não haverá nenhum anúncio de Jesus e da ressureição à maneira de Paulo, pelo menos na medida em que puder evitá-lo. Ainda que se pregasse o fato da ressurreição, ele deveria ser reduzido, de acordo com Greene, ao exemplo repetível de uma lei com a qual o cientista pode trabalhar com base apenas nos princípios imanentistas. Eis um pregador leigo da religião, embora afirme "não haver necessidade de o homem hesitar no crepúsculo", ainda assim deixa o homem sem qualquer chamado ao arrependimento, sem qualquer confrontação com Jesus e a ressurreição. O adorador da criatura é deixado sem um desafio.

John Wild, no mesmo livro, trata sobre a *The Present Relevance of Catholic Theology* [*A presença relevante da teologia católica*], sustentada por teólogos da tradição anglicana. Ele fala de um "forte senso da realidade transcendente". Do mesmo modo, discorre acerca do *Deus absconditus* [Deus oculto], mas, novamente, o *Deus absconditus* deve

se certificar de não afirmar nada desconforme com o realismo desenvolvido pelo naturalismo pautado no método aristotélico. Jesus e a ressurreição — pensam eles —, sem dúvida devemos tê-los por todos os meios, mas por todos os meios apenas como uma monstruosidade, não como algo que requer conversão por parte do confrontado com isso.

George F. Thomas, professor da área do Pensamento Religioso na Universidade de Princeton, deseja defender a ideia da religião e do conhecimento de Deus. No entanto, busca fazê-lo valendo-se do empirismo que, de certo modo, é mais brando e modesto em suas alegações que o teísmo de Tomás de Aquino. Esse professor almeja construir um altar ao Deus desconhecido, mas insiste, como Wild, que esse Deus jamais deve presumir em falar com absoluta autoridade aos homens. No máximo, ele deve utilizar a autoridade do especialista.

Em casa caso, os escritores desse volume, tais como os autores de *The Christian Answer*, têm o cuidado de sustentar que suas afirmações a respeito de Jesus e da ressurreição devem ser analisadas por

uma estrutura não teísta que destrói seu sentido e o desafio à conversão. Ouvindo o que esses homens dizem, ninguém se sentirá compelido a indagar a si mesmo se está pronto para o encontro com seu juiz.

Teologia dialética

O que dizer então dos teólogos dialéticos? Eles não apresentam o fato de Jesus e da ressurreição como um desafio à conversão? Barth não rejeitou com vigor a ideia de Brunner — quando este sugeriu que o cristão deve tornar sua religião inteligível para a consciência do tempo? Ele não escreveu o panfleto *Nein* [*Não*] e afirmou que os cristãos devem viver pautados pelo primeiro mandamento?

Por mais estranho que possa parecer, Barth é quem mais bem demonstra a impossibilidade de apresentar Jesus e a ressurreição a não ser que o faça na estrutura apresentada por Paulo. Pois o que aconteceu? Barth aparentemente proclama Jesus e a ressurreição como um fato e sob a autoridade absoluta do próprio Cristo. E o teólogo diz aos homens que não há condenação para os que estão em Cristo Jesus, os quais não andam de acordo com a carne, mas com o Espírito. No entanto, ele ainda acrescenta que *todos os homens* estão em Cristo Jesus e, portanto, *todos eles* andam segundo o Espírito. Afinal, de que outro modo eles poderiam ser homens? Nenhum homem pode estar consciente

de si mesmo sem a consciência do perdão de seus pecados em Cristo. A autoconsciência e a consciência de Cristo estão envolvidas uma na outra. O "não" de Deus, a condenação, por parte de Deus, dos injustos, não pode, de modo algum, consistir em sua palavra final. Antes, seu "sim" é a palavra final. A negação de Deus — o pecado do homem contra Deus — é uma "possibilidade impossível". Os homens pecam contra Deus — é claro que pecam contra Deus, todos os homens o fazem —, mas, ao pecarem contra Deus, eles estão em Deus; de que outro modo os homens poderiam estar presentes para Deus? De que outro modo a criança poderia desobedecer ao pai que lhe dá ordens a não ser na casa do pai? E de que outra maneira poderia uma criancinha desferir um tapa no rosto do pai a menos que esteja assentada nos seus joelhos?

De acordo com Barth, a ressurreição de Jesus Cristo garante o fato de que todos os homens, a fim de serem homens, devem estar nele. Assim, para Barth, a ressurreição testemunha o fato de que não haverá *juízo* vindouro no sentido em que Paulo utiliza a palavra. Ele usa os fatos de Jesus e da ressurreição como evidências de que os homens não

necessitam de conversão no sentido mencionado por Paulo; os homens já são convertidos quando estão conscientes de si mesmos como homens. E tudo isso porque Barth, uma vez mais, tenta encaixar os fatos de Jesus e da ressurreição na estrutura aceita pela filosofia imanentista. Os adoradores e servos da criatura não são, assim, convocados a servir ao Criador e adorá-lo; antes, diz-se-lhes que o que adoram é o objeto apropriado de adoração.

Teologia evangelical

Portanto, como o ministro reformado se esquivará de anunciar Cristo e sua ressurreição a partir do modernismo antigo e novo que acabamos de mencionar? Pode ele se juntar aos "evangelicais" nessa questão? Não são a divindade e ressurreição de Cristo doutrinas com as quais todos os cristãos evangelicais e reformados concordam?

Para responder a essa pergunta afirmemos, em primeiro lugar, que todos os cristãos verdadeiros creem em seu coração na ressurreição. Mas não é verdade que todos os pregadores cristãos verdadeiros pregam a ressurreição de Cristo da mesma forma.

Em particular, há uma grande diferença entre o estilo evangelical e o reformado de anunciar a ressurreição. Os evangelicais concordarão em silêncio que os cientistas e filósofos não cristãos interpretam o "reino fenomenal" com correção mediante seus princípios exclusivamente imanentistas. Eles, de fato, o fazem ao dizer que quem crê na ressurreição de Cristo enxerga mais que os cientistas e filósofos podem descobrir. Dizem que

a ressurreição apenas abre “os grandes panoramas da verdade”, não incorrendo nos campo da ciência.

Em segundo lugar, os evangelicais anunciarão a ressurreição não como um fato indisputável, mas como algo crido pelos cristãos e algo em que eles apostam a vida, por razões não objetivas.

Nesses dois pontos, os evangelicais, como é seu costume, fazem concessões ao senso de autonomia do homem natural. Nos dois casos, os evangelicais buscam um “terreno comum” com os incrédulos a fim de vencê-los. Em ambos os casos, os evangelicais comprometem o evangelho e, na medida em que o fazem, frustram os próprios esforços. Não pode existir pregação ou discurso pleno sobre a ressurreição a menos que toda a estrutura do pensamento não cristão seja desafiada.

Os cristãos reformados estão fadados a serem tentados à cooperação com os evangelicais na exposição de doutrinas que, segundo dizem, todos os protestantes têm em comum. Todavia, seu sistema teológico deve levá-los a seguir Paulo a qualquer custo.

Sobre o autor

Cornelius Van Til (ThM, ThD, DD, PhD), um dos principais apologistas do século 20, nasceu em Grootegast, Holanda (1895) e emigrou com a família para os Estados Unidos em 1905. Casado com Rena Klooster, foi filósofo cristão e teólogo reformado, pastor da Christian Reformed Church e um dos professores fundadores do Westminster Seminary, em setembro de 1929, onde lecionou Apologética até aposentar-se, em 1974. Em 1936 transferiu-se para a Orthodox Presbyterian Church, à qual pertenceu até sua morte, em 1987. Ao longo de sua vida publicou 30 obras, entre as quais *The Reformed Pastor and Modern Thought* (1971), lançado no Brasil pela Cultura Cristã com o título *O pastor reformado e o pensamento moderno* (2010).

---

[1] Junto com 1 Pe 3.15.

[2] A respeito das diferenças entre as escolas de apologética, veja Steven Cowan (org.), *Five Views of Apologetics* (Grand Rapids: Zondervan, 1999).

[3] Entre as exposições mais detalhadas do confronto, duas merecem destaque: o excelente artigo "O encontro de Jerusalém com Atenas", publicado como apêndice do livro *Sempre preparados* (Editora Monergismo, no prelo), de Greg L. Bahnsen; e o igualmente excelente e extenso (p. 37-166) capítulo 2 do livro *Confrontações pressuposicionais* (Editora Monergismo, 2011), de Vincent Cheung.

[4] Isto é, ainda que não reconhecessem nem adorassem nenhuma divindade, os epicureus, pela idolatria e recusa em adorar ao Deus verdadeiro, poderiam ser representados ou simbolizados pelo altar ao deus desconhecido, visto que, no obscurecimento mental e espiritual perpetrado pelo pecado, o Deus vivo lhes era *desconhecido*. [N. do T.]

[5] Termo cunhado pelo filósofo idealista alemão Robert Vischer para se referir ao sentimento de *empatia estética* que o observador desenvolve na presença de grandes obras de arte [N. do T.]

[6] Termo de Rudolf Otto, cientista da religião de origem luterana, que recebeu amplo desenvolvimento no livro homônimo, geralmente traduzido por "O Sagrado". Trata-se de um atributo do noumeno, que, além de majestoso, é também terrível (há aqui um paralelo com o *Deus abscôndito*, de Lutero). Sendo *terrível*, isto é, acima das forças e capacidades de apreensão humanas, o noumeno transmite ao homem o que Otto chamou "sensação de criaturalidade" — a consciência humilhante de sua pequenez e dependência. [N. do T.]

[7] Positiva no sentido filosófico do termo, isto é, efetivamente existente; provida de substância. [N. do T.]

[8] Edward D. Myers (org.). New York: Oxford University Press, 1951.

[9] P. 9.
[10] P. 11.
[11] P. 12.
[12] P. 9.